



**Reflexão**

E-ISSN: 2447-6803

sbi.neditoracao@puc-campinas.edu.br

Pontifícia Universidade Católica de

Campinas

Brasil

Domingos SANTIROCCHI, Ítalo

Um olhar sobre o XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das  
Religiões

Reflexão, vol. 40, núm. 1, enero-junio, 2015, pp. 119-123

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576561477010>

- ▶ Cómo citar el artículo
- ▶ Número completo
- ▶ Más información del artículo
- ▶ Página de la revista en redalyc.org

# Um olhar sobre o XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões

## *A view of the XIV National Symposium of the Brazilian Association for the History of Religions*

Ítalo Domingos SANTIROCCHI<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste texto é fazer um apanhado geral do XIV Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, que teve como temática: “Chico Xavier, mística e espiritualidade nas religiões brasileiras”. Pretendemos apresentar sucintamente as temáticas dos Grupos de Trabalho, Mini Cursos e Mesas Redondas.

**Palavras-chave:** ABHR. História das religiões. Simpósio.

### Abstract

*The aim of this paper is to provide an overview of the XIV Symposium of the Brazilian Association for the History of Religions, whose theme was: “Chico Xavier, mysticism and spirituality in Brazilian religions”. We intend to succinctly present the themes discussed in the Working Groups, Mini Courses and Panel discussions.*

**Keywords:** ABHR. History of religions. Symposium.

### Introdução

O Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) é tradicional entre os pesquisadores dessa temática, sejam eles historiadores ou de outras áreas do saber, como, por exemplo, a antropologia, a sociologia, as ciências das religiões, a teologia, a ciência política, entre outros. A ABHR foi criada em 1999, por um grupo ligado a linha de pesquisa Religiões e Visões de Mundo, do curso de Pós-Graduação em História da Faculdade

<sup>1</sup> Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Ciências Humanas. Campus de Pinheiro, Estrada Pinheiro-pacas, s.n., km 10, Bairro Enseada, Pinheiro, MA, Brasil. E-mail: <italosantirocchi@hotmail.com>.

Recebido em 22/5/2015 e aprovado para publicação em 18/6/2015.

de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) de Assis, e com o apoio de pesquisadores de outras instituições convidados para o I Simpósio sobre História das Religiões. Desde então a associação tem como objetivo colaborar para a consolidação do campo de estudos científicos sobre religiões, agregando toda a comunidade acadêmica desde estudantes de graduação a pesquisadores seniores.

O XIV Simpósio Nacional da ABHR aconteceu em Juiz de Fora, entre os dias 15 e 17 de abril de 2015, tendo como tema “Chico Xavier, mística e espiritualidade nas religiões brasileiras”. Tomando como emblema o médium espírita do Triângulo Mineiro, reconhecido nacionalmente, a proposta era discutir as diferentes espiritualidades presentes nas diversas religiões e formas de religiosidade no Brasil. Foi realizado com apoio da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e organizado por professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência das Religiões (PPCIR), sob a coordenação geral do prof. Arnaldo Érico Huff.

Segundo os organizadores, a universidade brasileira vive um momento em que a religião, como objeto de estudo, figura entre os grandes temas de pesquisa e continua crescendo. Consequentemente, há também um aumento das temáticas e problematizações e aprofundamento dos debates teóricos e metodológicos. Segundo eles:

A ABHR é uma expressão dessa conjuntura e sua existência é a tradução do atendimento das demandas intelectuais. Assim, a entidade constituiu-se num relevante espaço de encontros, debates, e, oportuno salientar, fóruns que não são circunscritos a apenas um recorte disciplinar. Sua trajetória é marcada pela presença de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que podem contribuir e também se beneficiar do amplo arco heurístico dos estudos das religiões (SIMPÓSIO..., 2015, p.7).

A quantidade de temas tratados nas comunicações foi enorme: divididas em 26 Grupos de Trabalhos (GT), participaram 264 comunicadores que puderam expor e discutir suas pesquisas, contando com a presença de cerca 500 pessoas no evento. Os GT se propuseram a discutir trabalhos sobre uma grande diversidade de religiões, tais como: cristãs, afro-brasileiras, espiritismo, indígenas e budismo, além das interconexões entre a religião e a arte, a política, o ensino, a sociedade, o espaço público, a filosofia, o patrimônio cultural, o gênero, o marketing, as relações internacionais, a ciência, a economia e o assistencialismo. Este sucinto elenco já permite vislumbrar a riqueza de discussões ocorridas durante o Simpósio.

Enquanto pela tarde foram realizados os Simpósios Temáticos, pela manhã foram oferecidos Minicursos e promovidas Mesas Redondas. Foram propostos oito minicursos, tratando de temas como a arquitetura islâmica, marketing nos pentecostalismos e neopentecostalismos, sexualidade e gênero no hinduísmo e budismo, mística e espiritualidade na esfera pública, ancestralidade africana Yorubá, reflexões críticas sobre os 500 anos da Reforma Protestante, máscaras rituais e mística do cotidiano. Infelizmente alguns deles foram cancelados e os participantes, que quiseram, foram alocados em outros.

Foram realizadas quatro Mesas Redondas: (1) Budismo e tradição da Índia, com os professores Dr. Frank Usarki (PUC-SP) e Dr. Dilip Loundo (UFJF); (2) Espiritismo e saúde com os professores Dr. Alexander Moreira-Almeida (UFJF) e Dr. Marcelo Camurça (UFJF); (3) Igrejas e Ditaduras na América Latina, com a professora Dra. Jessie Jane Vieira de Sousa (UFRJ) e o professor Dr. Zwinglio Mota Dias (UFJF); (4) Reforma Protestante: 500 anos, com os professores Dr. Lyndon Araújo Santos (UFMA), Dr. Lauri Wirthe Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Dr. Paulo Siepierski (UFRPE).

A espiritualidade foi o foco do primeiro dia, tanto a oriental como a espírita, fazendo referência à figura de Chico Xavier. Esta religião foi abordada por meio de dois vieses, o da saúde, incluindo análises médicas sobre médiuns, e o doutrinário. No segundo dia, uma das mesas tratou de uma temática em voga nos últimos anos, e que ainda gera polêmica,

as relações entre as diversas igrejas e a ditadura militar, não só no Brasil, mas também em outros países da América Latina. Já a outra mesa convidou a refletir sobre uma data comemorativa importantíssima, os 500 anos da reforma protestante em 2017. Esse fato também incentivou a organização do *I Congresso Brasileiro de História do Protestantismo no Brasil*, que será realizado entre os dias 11 e 14 de agosto de 2015, na Universidade Federal de Campina Grande.

Abrindo e fechando o evento tivemos duas Conferências: (1) Mística e Espiritualidade no Brasil, com o professor Dr. Faustino Couto Teixeira (UFJF) e (2) Chico Xavier e Palavra Escrita na Umbanda da primeira metade do século XIX, com o professor Dr. Artur Isaia (UFSC).

O Dr. Faustino Teixeira possui graduação em Ciência das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1977), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982) e doutorado em Teologia e pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1985 e 1997-1998). Atualmente é professor Titular no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora. Suas pesquisas se concentram na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, trabalhando temas como: teologia do pluralismo religioso, diálogo inter-religioso e mística comparada das religiões.

O professor Faustino Teixeira fez uma interessante intervenção expondo como a doutrina umbandista, ao longo do século XX, compartilha de certos discursos espíritas e cristãos. Segundo ele, isso ocorria com intuito de legitimar sua religiosidade e sua inserção no espaço social. Demonstra em seguida como Chico Xavier aparece em vários escritos umbandistas no decorrer do século XX. Como exemplo disso, ele cita autores dessa religião, tais como Diamantino Trindade, Lourenço Braga, Cavalcanti Bandeira. Partindo da constatação corrente entre os estudiosos da área de que a palavra “espiritismo” era usada por diferentes movimentos religiosos no final do século XIX e início do século XX, constata essa tendência também na Umbanda pelo menos até meados do século passado. Já na segunda metade, apesar de não adotar a palavra “espiritismo de umbanda”, alguns de seus intelectuais continuam a ecoar discursos espíritas, em especial de Chico Xavier, como era o caso de Woodrow Wilson da Matta e Silva (CARNEIRO, 2015).

O professor Artur Isaia, segundo conferencista, se graduou em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Fez pós-doutorado na *École de Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Suas pesquisas se relacionam principalmente aos seguintes temas: discurso religioso, catolicismo, espiritismo, umbanda, discurso médico-psiquiátrico.

Artur Isaia tem muitos artigos publicados sobre o espiritismo e a umbanda. Ele também parte da demonstração que a palavra espiritismo designava tanto a doutrina que se iniciou com Allan Kardec, quanto as religiosidades afro-brasileiras no Brasil. Em especial, focou nas influências de Chico Xavier nos escritos umbandistas da primeira metade do século XIX. Em uma entrevista de 2010, já dizia o autor:

Entre o espiritismo e as religiões chamadas afro-brasileiras, existe um parentesco cultural evidente, apesar das relações, às vezes tensas, entre o órgão representativo do espiritismo brasileiro (a Federação Espírita Brasileira – FEB) e aquelas religiões. No Brasil, principalmente devido às sobrevivências culturais dos africanos de origem banto, generalizou-se a crença e o culto em entidades ancestrais, nos espíritos, o que representa um elo comum entre as religiões afro-brasileiras, principalmente a umbanda e o espiritismo. Em relação às manifestações existentes na umbanda, podemos ver nas fontes relativas ao espiritismo que até o primeiro

quartel do século XX a FEB as reconhecia como espíritas. Este posicionamento é mudado na década de 1950, quando a FEB tenta demarcar território. A partir desta ocasião, mesmo que continue a reconhecer como espíritas boa parte dos fenômenos da religiosidade afro-brasileira (basicamente as manifestações dos chamados caboclos e pretos velhos), não os reconhece como amparados na doutrina espírita. Já na década de 1970, a FEB avança no sentido de marcar território frente às religiões afro-brasileiras. Passa, então, a reconhecer como espíritas somente as manifestações de natureza mediúnica amparadas na doutrina espírita (vale dizer nas obras de Allan Kardec e na sua interpretação das mesmas). É necessário termos em mente que estas sutilezas de argumentação doutrinária aconteceram ao largo das vivências de boa parte da população brasileira, a qual, espírita, frequentadora das religiões afro-brasileiras ou eventualmente frequentadora de ambas, dificilmente tomou conhecimento ou levou em consideração esses porta-vozes do espiritismo brasileiro (ISAIA, 2010, *online*).

E perguntado sobre o “espiritismo de umbanda” respondeu:

Esta expressão aparece, sobretudo, em um momento de afirmação da umbanda no campo religioso brasileiro, no qual há uma necessidade de busca de legitimação. Ora, não podemos esquecer que este momento é ainda fortemente marcado por interditos preconceituosos, em um Brasil em que a abolição da escravidão é um fato recente. Apesar da perseguição oficial se estender também ao espiritismo (vale lembrar a explícita condenação às atividades espíritas no primeiro código penal republicano), este conta com muito mais aceitação por boa parte da elite letrada brasileira. Daí a insistência dos primeiros líderes e intelectuais umbandistas em se dizerem adeptos do “espiritismo de umbanda”. Esta expressão vai deslizar do vocabulário religioso dos primeiros umbandistas para a própria análise sociológica (ela aparece até mesmo na produção de Roger Bastide) (ISAIA, 2010, *online*).

Todas as duas conferências encheram o auditório central do ICH, gerando muitas reflexões, indagações e debates. Logo após a conferência deste último, foi realizada a Assembleia dos associados da ABHR. Nessa ocasião, a antiga diretoria composta pelos professores: Dr. Wellington Teodoro da Silva (PUC-MINAS) – Presidente, Dr. Vassni de Almeida (UFT) – Secretário Geral, Me. Daniel Rocha (UFMG) – Secretário de Divulgação e Dr. Ítalo Domingos Santirocchi (UFMA) – Tesouraria, encerrou sua gestão. Foram eleitos para nova diretoria executiva: Prof. Dr. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho (USP) – Presidente; Profa. Dra. Patrícia Carla de Melo Martins (UNILAGO) – Secretária Geral; Prof. Me. Alfredo Bronzato da Costa Cruz (UERG) – Secretário de Divulgação e Prof. Me. Waldney de Souza Rodrigues Costa (UFJF) – Tesouraria.

Todos os dias antes das conferências foram feitos lançamentos de livros, num total de vinte títulos, tudo acompanhado de farto buffet de salgados e refrigerantes. Um momento único e especial de encontro entre os pesquisadores inscritos no evento, para trocar ideias, fazerem novos projetos e colocarem a conversa em dia.

Para encerrar esse texto, gostaria de falar um pouco do Grupo de trabalho que coordeno há alguns anos na ABHR, *Religião, Religiosidade e Poder no Brasil Imperial*. Ele vem crescendo a cada simpósio e foi um dos mais concorridos nessa edição da ABHR. Esse ano nós contamos com importantes e renomados pesquisadores, como Ana Rosa Coclet da Silva (PUC-Campinas), Jérri Roberto Marin (UFMS) e Dimas dos Reis Ribeiro (UFMA). Os temas abrangeram o catolicismo de tendência iluminista, da primeira metade do século XIX, e aquele de tendência ultramontana, tanto nos aspectos doutrinários, quanto nos políticos e culturais. Os debates demonstraram a necessidade de ampliar as discussões sobre as teorias e conceitos tradicionais sobre a história da Igreja Católica no Brasil Imperial.

Outra temática marcante no GT foi relativa às ordens religiosas, como os Padres da Missão (Lazaristas), jesuítas e capuchinhos. Os lazistas foram objeto de várias comunicações, demonstrando a importância de estudar a ordem para além das suas principais figuras e para além de Minas Gerais, já que ela esteve presente em muitos estados, como foi o caso do Ceará.

Todavia as discussões não ficaram restritas ao catolicismo, questões como a secularização, a morte, os cemitérios, a liberdade religiosa, o protestantismo, o progresso e modelos de modernidade no século XIX, também foram temas de comunicações e intensamente debatidos.

## Considerações Finais

A AABHR, por meio de seu Simpósio Nacional, demonstrou que sua existência e fortalecimento na academia brasileira respondem as demandas intelectuais dos pesquisadores que cada vez mais se interessam pela temática das religiões, abrindo um espaço para apresentação de resultados de pesquisa, debates e diálogos que não se restringem a apenas um Campo Disciplinar, mas sim pela presença de diversas áreas do conhecimento, permitindo uma grande interação interdisciplinar.

## Referências

Carneiro, J.L. *Reflexões sobre a História religiosa na ABHR*. São Paulo: Faculdade de Teologia com ênfase em Religiões Afro-brasileiras, 2015. Disponível em: <<http://www.ftu.edu.br/#!blogger-feed/c10bz>>. Acesso em: 10 maio 2015.

Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 14., 2015, Juiz de Fora. Chico Xavier: mística e espiritualidade nas religiões brasileiras. Resumos. Juiz de Fora: UFJF, 2015. p.139-140.

Isaia, A.C. O espiritismo e as religiões afro. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. n.349, 2010. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3622&secao=349](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3622&secao=349)>. Acesso em: 10 maio 2015.